

VIRGINIA BAILY

**À PRIMEIRA
LUZ
DA MANHÃ**

Tradução

Paulo Afonso

1ª edição



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2017

UM

ROMA, OUTUBRO DE 1943

Uma jovem caminha a passos rápidos por uma rua de Roma. Usa um sobretudo cingido ao corpo, um lenço sobre a cabeça e uma grande bolsa de tecido perpassa seu corpo. Pendurada no braço, uma bolsa menor, contendo a carteira com algumas liras e seus papéis: documento de identidade e caderneta de racionamento. “Chiara Ravello, solteira”, informa a identidade, onde também consta seu endereço: Via dei Cappellari 147, apartamento 5. Não segura nenhum guarda-chuva para se proteger da água interminável que tomba do céu escuro, uma tempestade inclemente que se prolongará por horas, como que mancomunada com os acontecimentos do dia.

Quinze minutos após receber o telefonema solicitando a sua presença — “Mamãe está passando mal”, dissera Gennaro —, ela saiu de casa. É um pequeno milagre o fato de estar decentemente vestida, diante da pressa e da irmã, Cecilia, que a seguia por todo o apartamento, atravancando seu caminho e fazendo perguntas bobas.

— Quem telefonou? — perguntou Cecilia à porta do banheiro, enquanto Chiara lavava o rosto. — Por que está se vestindo? São quinze para as seis ainda — continuou perguntando, enquanto Chiara pegava as meias, ainda

úmidas, do arame em frente ao fogão e enfiava nelas, com dificuldade, as pernas geladas.

A chuva se infiltrava dentro do apartamento e uma névoa tênue se instalara na cozinha.

— Você não pode sair sem anágua — comentou Cecilia, enquanto Chiara enfiava o vestido de lã vermelha por sobre a cabeça e apertava o cinto. — Quer que eu lhe faça um café? — acrescentou.

Por fim, enquanto Cecilia lavava a cafeteira na pia, Chiara teve alguns segundos para pensar no que ainda seria necessário: vestir o sobretudo, cobrir a cabeça com um lenço, localizar a bolsa extra — caso recuperasse alguma coisa —, e decidir se deveria ir de bicicleta, hipótese que descartou porque demoraria muito para descer as escadas com ela; seria mais rápido ir a pé. O bar de Gennaro, na Via del Portico d’Ottavia estava a menos de um quilômetro.

À porta da cozinha, quando se virou para dizer que tinha que sair, viu Cecilia imóvel, de boca aberta, com a cafeteira pendente em uma das mãos. Chiara sabia que Cecilia acabara de se lembrar de que não tinha café em casa, que já não tinha café havia mais de dois meses. Sabia também que a lembrança fizera aflorar tudo o que acompanhava a constatação: as bombas, as mortes, a ocupação nazista — tudo o que Chiara chamava mentalmente de “escombros”. Em outra ocasião, teria reconfortado a irmã, mas não naquele dia.

— Não vou demorar — disse.

— Não vá embora — pediu Cecilia, com sua voz de menininha.

— Ah, pelo amor de Deus! — gritou Chiara, saindo pela porta e fazendo ressoar as botinas nos degraus de pedra das escadas.

Não alto o suficiente para abafar as lamúrias da irmã.

Na calçada, pensou melhor e subiu às pressas os dois lances de escada.

— Vista-se. Ponha roupas quentes numa sacola.

Uma expressão apalermada e hesitante atravessou os olhos inocentes do belo rosto de Cecilia. Chiara teve vontade de lhe dar um tapa para fazê-la acordar.

— Vamos passear? — perguntou Cecilia.

— Sim, vamos dar um passeio — respondeu Chiara. — Prepare uma sacola para mim também. Volto dentro de duas horas ou menos. — Ela apontou para o relógio. — Vou lhe trazer uma coisa especial.

— É para levar meu material de costura?

— O que você puder enfiar na sacola. Não a máquina.

— Vou pôr um cobertor em cada sacola.

— Desculpa por ter gritado.

— Não vou contar para ninguém.

Para quem Cecilia achava que poderia contar alguma coisa era um mistério.

A rua está escura. Há um toque de recolher em vigência e as luzes não estão acesas. Os pés de Chiara estão úmidos, suas botinas têm furos e ela escorrega nas pedras molhadas. Ao chegar à esquina do Campo dei Fiori, faz uma pausa. Os fracos alvares de um amanhecer cinzento, que ainda não alcançaram a estreita ruela que é a Via dei Cappellari, iluminam uma praça deserta. São seis horas da manhã de sábado, e a feira já deveria estar sendo montada. A estátua de Giordano Bruno é a única forma humana visível. Ela o observa, encapuzado, solene e portentoso, como se pudesse obter algum bem-estar. E estremece.

Ela atravessa a praça pelas laterais, colando-se aos prédios. As ruas estão mais vazias desde que os nazistas assumiram o controle. Como se estivessem diante de um aviso de desastre natural — terremoto, nevasca ou avalanche —, as pessoas de Roma se mantêm dentro de casa e só saem quando estritamente necessário. À noite, sempre se ouve o estrépito de esporádicos tiroteios. Há histórias de pessoas detidas de forma arbitrária, encostadas em paredes e levadas embora para serem interrogadas em prédios recentemente ocupados e adaptados para este propósito, de onde se ouvem gritos. Mais tarde, as famílias são convocadas para recolher os corpos mutilados. Isso não é novidade, acontecia nos anos do fascismo; mas alcançou uma dimensão horripilante agora que Roma foi declarada cidade aberta. Já não se pode estar seguro simplesmente mantendo um comportamento discreto. A situação é confusa no que se refere a facções e lealdades.

Na metade da Via dei Giubbonari, Chiara dobra à direita e entra em uma rua ainda mais estreita, um caminho que a levará para longe da rua principal e para longe do cruzamento principal. Não sabe o que encontrará pela frente, sabe apenas que sua ajuda se faz necessária e que, seja qual for o problema, está ocorrendo no bairro judeu. Se não fosse pela taxaço em ouro que o alto-comando nazista impôs alguns dias antes sobre os judeus, ela sequer saberia que a localização do bar de Gennaro, na rua principal do gueto, tem um significado.

Cinquenta quilos de ouro. Ela ajudara a organizar e a recolher as doações — anéis, medalhões, moedas antigas e abotoaduras. Até teria contribuído com o anel de sinete do seu pai, mas não o encontrou na caixa de joias onde o guardava. Mais tarde, depois que os oficiais pesaram o ouro e declararam ser suficiente, ela encontrou o anel em uma fenda entre os azulejos que recobriam seu toucador. Sentiu-se feliz por não ter sido obrigada a entregar o anel que pertencera ao seu amado pai, morto havia cinco anos.

Babbo, pensa ela, seu precioso pai. Ela procura alguma recordação reconfortante dele, mas a imagem que aparece é a de Carlo, seu noivo, morto apenas um mês depois. Sente uma tristeza tão grande que chega a gemer. Uma solidão penetra nos seus ossos como friagem.

Após a coleta do ouro, judeus acreditaram ter evitado problemas maiores e comprado um pouco de paz. *E se algum erro de pesagem foi descoberto?*, pensa ela, caminhando lentamente por causa da chuva. *E se o butim dos nazistas estiver dez gramas mais leve?* O peso de um sinete. Abana a cabeça, sentindo o lenço encharcado na nuca.

Então se apressa. Não deve ser nada tão sério. Ela deve estar se atormentando sem necessidade. E pelo menos poderá tomar um café decente no Gennaro's.

Chiara desemboca em uma pequena interseção na qual uma árvore solitária se ergue num pequeno gramado. Pensa em se abrigar sob a árvore para avaliar a situação, mas não há nada a ser avaliado. Nem ela tem como avaliar seja lá o que for. A rua principal, Via Arenula, está silenciosa e vazia. Ela passa algum tempo sob a árvore, atracando-se à proteção que esta lhe

oferece. Ainda está no “seu” lado. Assim que atravessar a rua, entrará em outro mundo. É como se os muros que cercavam o gueto meio século antes tivessem sido reconstruídos. São invisíveis, mas existem.

Ela ainda tem a opção de dar meia-volta.

Pensa então em Cecilia. Visualiza a irmã ouvindo música suave no rádio, enquanto arruma as sacolas; depois desligando o aparelho quando o costumeiro comunicado do governo vai ao ar. Em sua mente, ela a vê ligando o gramofone e embalando as coisas ao ritmo da sua canção favorita no momento, cantada por Gino Bechi, seu novo ídolo das matinês. Elas viram o filme dele três vezes quando foi lançado, em março. “La Strada del Bosco”^{*} é a canção tocada nas rádios de Roma enquanto as pessoas fazem as malas, trancam suas casas e fogem da cidade. Por que ela e Cecilia seriam diferentes? Elas têm mais sorte que a maioria. Sua avó — a *nonna* — ainda vive nas colinas.

Um estrépito distante se torna mais alto. Ela se mantém junto à árvore, esperando um veículo militar. Porém, o que aparece é um ônibus, com as janelas cobertas de vapor. Ao que parece, não está transportando ninguém além do motorista. Um cão surge trotando, parando para farejar refugos enlameados na sarjeta. Os serviços municipais deixaram de funcionar e as ruas não são limpas há semanas. O cão perambula pelo calçamento e levanta uma das patas ao se aproximar da árvore.

Chiara procura sinais nessas ocorrências — a ausência de transeuntes, o fato de o transporte público estar funcionando, a leve luminosidade das manchas claras na casca da árvore à luz do alvorecer, o modo como a água da chuva escorre das folhas amareladas, o cão ter escolhido aquela árvore para urinar — interpretando tudo como uma coisa e, depois, como o oposto. Sua mente oscila entre extremos: a mensagem estava errada, fora mal interpretada ou fora um falso alarme, e o dia estava tão normal quanto era possível naqueles tempos; ou então alguma coisa adversa estava acontecendo em escala apocalíptica.

* “A Estrada do Bosque”, em português, grande sucesso de Bechi. (N. T.)

Nos galhos acima, um pássaro solta um guincho; uma gota de chuva aterrissa no nariz de Chiara. A chuva a deixou encharcada. Penetrou nas suas botinas e, infiltrando-se através do lenço, molhou seus cabelos, os ombros e o delicado e enregelado espaço entre eles. A água da chuva gorgolejava nos esgotos. Ela está tão imóvel quanto o próprio Giordano, congelado em pedra. Sente vontade de ir para casa. Imagina um pássaro azul com a cabeça inclinada para trás e o bico aberto, pousado no parapeito de uma janela. E a vista da Torre de San Lorenzo descortinada da janela, com os pinheiros no cemitério adjacente. A casa da sua infância.

Escombros, pensa.

No outro lado da rua, uma movimentação. Um homem de uniforme sai das sombras vindo de uma das ruas que levam ao gueto. Ao vê-lo — um lembrete do perigo —, é dominada pela dúvida. Sai então de debaixo da árvore e pisa no calçamento.

Mamãe está passando mal, pensa. Foi o que Gennaro disse ao telefone. É o código deles para o caso de a linha estar grampeada, mas ainda não prepararam o resto da história.

Enquanto atravessa a rua, imagina o que dirá se for detida. Não pode dizer que está indo visitar a mãe, morta no bombardeio de San Lorenzo três meses antes e, de qualquer forma, não moraria no gueto. Uma velha senhora que de fato mora no gueto vem à mente de Chiara. Não sabe seu verdadeiro nome, mas a chama de Nonna Torta — que pode significar Vovó Torta ou Vovó Errada; ambos os apelidos servem. Ela costumava fornecer produtos de confeitaria para a padaria da Piazza Giudia. O pão ázimo preparado com farinha integral e usado na Páscoa, o pão de centeio com alcaravia, o *challah** com sementes de papoula, os bolos de nozes com frutas secas, figos e geleia de ameixa. Padres e freiras costumavam fazer fila para comprar a famosa torta de cerejas silvestres, e havia rumores de que o próprio papa já a provará.

Chiara dirá, caso seja detida, que soube que Nonna Torta, uma velha amiga da sua avó, está doente, portanto está se dirigindo à casa dela para

* Pão trançado, típico da culinária judaica. (N.T.)

ver se pode ajudar em alguma coisa. Talvez fale isso porque a senhora surgiu em sua mente e pelo fato de saber o endereço de Nonna Torta. Ela costuma frequentar o bar de Gennaro; mora na Via di Sant’Ambrogio, logo atrás. Ou talvez use essa desculpa porque Nonna Torta, na verdade, não está muito bem. Não que seu corpo esteja doente, sua mente é que anda errática.

O soldado se posiciona na lateral de um prédio. Quando Chiara passa à sua frente, ele a ignora. Ela percebe que ele não está lá para impedir que as pessoas entrem no bairro judeu, mas que saiam dele. Em seu quepe está a insígnia da água com asas abertas.

Quando entra no gueto, ela é açoitada por ruídos terríveis. Berros, urros, sons de metal arranhando pedras. Ao adentrar mais, procura se lembrar de tudo o que sabe sobre Nonna Torta. O esforço a impede de gritar, correr ou reagir de qualquer maneira que desperte a atenção dos soldados alemães postados nas esquinas ou que batem nas portas. Gritos agudos partem do alto dos prédios.

Nonna Torta usa avental todos os dias, exceto no sabá. Tem pernas tortas. Seus cabelos são tão brancos quanto as penas de uma pomba. É boa contadora de histórias, embora se repita muito. Chiara acha difícil entendê-la, pois ela mistura palavras e frases do dialeto judaico-romano em tudo o que fala. Morou no gueto a vida inteira. Nasceu antes da unificação italiana. Lembra-se dos muros do gueto sendo derrubados, quando era criança, e do lugar sendo aberto. Pessoas atravessavam o rio para ir ao Trastevere, coisa inédita até então, pois os judeus viviam aglomerados lá, em aconchegante isolamento. No entanto, afinal, nenhuma mudança ocorre sem que se perca alguma coisa.

Ao pensar em Nonna Torta, Chiara sente um *frisson* de esperança. É a ideia da longevidade, de vidas que completam seu trajeto natural.

Quando entra na Via del Portico d’Ottavia, hesita. Soldados de uniforme cinza estão enfileirados ao longo da calçada. Oficiais se posicionaram em intervalos regulares. Um deles está se dirigindo aos soldados, dando instruções. O bar de Gennaro está fechado, trancado, as persianas, abaixadas. Mais adiante, onde vê o Teatro de Marcelo, sólido e antigo, como que into-

cável, três caminhões com as carrocerias cobertas por lonas escuras estão estacionados. De repente, todos os homens começam a berrar, um rugido terrível que faz seus cabelos se arrepiarem e o delicado ponto entre seus ombros latejar. Tão subitamente quanto começaram, eles param. Depois se dispersam em grupos de dois ou três, desaparecendo nas ruas do gueto. Alguns dos poucos remanescentes assumem posição diante dos caminhões, e outros, nas esquinas das ruas transversais.

Chiara bate na porta do bar.

— Sou eu — sussurra pela fechadura.

A persiana se levanta um pouco e o rosto de Gennaro aparece. Seus olhos negros têm uma expressão alucinada e suas bochechas estão manchadas de fuligem. Ele entreabre a porta e a puxa para dentro; depois a conduz até o depósito atrás do bar, onde um forno arredondado e cheio de papéis vomita fumaça. É um dos lugares onde guardam os panfletos antifascistas que uma equipe de voluntários distribui pela cidade, movendo-se rápida e dissimuladamente, como se estivessem cuidando de assuntos cotidianos. Há depósitos em diversos lugares de Roma e uma impressora em um recinto à prova de som atrás do refrigerador de um açougueiro, na área de Testaccio.

Gennaro está queimando provas incriminadoras.

— Poderia continuar esse trabalho? — pergunta ele, apontando para o forno, para os panfletos ao lado, que formam uma pequena montanha, e para os espalhados no chão. Deve ter acabado de tirá-los das prateleiras. — Preciso abrir o bar. — Ele emite um som que pode ser interpretado como uma risada. — Negócios, como de costume. Para manter as aparências.

— Eles não estão nos procurando — diz Chiara.

— Não — responde ele. — Mas não queremos que encontrem tudo isso, queremos?

— Estão prendendo judeus — diz ela.

No panfleto do topo da pilha, o título de um artigo lhe atrai a atenção. Um artigo escrito por um proeminente intelectual judeu. Como muitos outros, ele retornara a Roma depois que Mussolini fora deposto, em julho, mas antes que o armistício fosse decretado, em setembro. Neste breve período,

quando todos pensavam que, pela primeira vez em vinte anos, poderiam dizer o que queriam, ele produzira uma enorme quantidade de artigos. Ela se pergunta onde ele está agora. Espera que tenha deixado a cidade.

— Você está com fuligem no rosto — diz ela a Gennaro.

Ele limpa a fuligem com a manga da camisa e faz uma careta, como se ela o estivesse criticando. É difícil ser gentil quando se está assustado.

— Vá em frente — diz ela, e sorri.

Seu sorriso, provavelmente, também parece uma careta.

Gennaro encheu demais o forno. Chiara trouxe a bolsa sobressalente com a ideia de recolher alguns panfletos para distribuí-los mais tarde ou para guardá-los para a posteridade, ou por alguma outra razão que parecia atraente em meio à névoa da cozinha, mais cedo. Agora já não sabe em que momento, assim como Gennaro, começou a querer se livrar deles com urgência. Ela pega um longo pedaço de madeira no saco de lenha e empurra a massa de panfletos fumegantes. O pedaço de madeira se quebra.

Procurando uma ferramenta melhor, escancara a porta de um armário e encontra uma pá de lixo metálica, uma garrafa com um líquido rosa que pode tanto ser um produto de limpeza quanto parafina — Será que deve despejá-lo na fogueira? Será que o prédio não pegará fogo? — e mais uma pilha de panfletos. Estes são de quatro meses antes, do início do verão, e trazem uma foto de Mussolini falando para a multidão aglomerada, como formigas, na Piazza Venezia. Há uma legenda que ela já não consegue ler. O armário exala um cheiro forte e desagradável. Ela fecha a porta, retorna ao depósito com a pá de lixo e cutuca furiosamente a massa de papéis que está dentro do forno, tentando desfazê-la. O forno é como um pequeno animal que alguém tentou alimentar à força; e começa a sufocar.

Ela tem uma visão de Cecilia quando criança. Sentada à mesa da cozinha, em frente a Chiara, na antiga casa em San Lorenzo (*escombros*, pensa, automaticamente). Um prato fumegante de tripas permanece intacto na toalha xadrez vermelha e amarela que está diante da sua irmã. Cecilia não gosta de carne, muito menos de vísceras. No caso de carnes servidas em fatias, como presunto e mortadela, ela desenvolveu uma técnica para deixá-las

cair no colo às escondidas. Mais tarde seriam jogadas fora ou devoradas por Chiara. Foi a descoberta de pedaços de carne podre atrás do sofá que acarretou uma vigilância maior por parte da mãe delas durante as refeições. Tripas cozidas em molho de tomate é uma comida muito pegajosa para ser jogada no colo. De qualquer forma, a mãe está na cozinha, ou pelo menos entrando e saindo de lá, portanto Chiara não pode ajudar.

— Coma sua comida, Cecilia, senão não vai ficar grande e forte — diz a mãe pela centésima vez.

Cecilia é sempre advertida assim. Deve ter 9 ou 10 anos, pensa Chiara. Foi depois do início da sua doença, mas antes do verão em que uma sucessão de convulsões incontroláveis danificou irremediavelmente seu cérebro. Quando a mãe delas se aproxima da mesa, Cecilia pega um pedaço de pão e o enfia inteiro na boca. Para demonstrar boa vontade, talvez. Seu maxilar emite um estalo. Ela não consegue movê-lo para mastigar nem engolir o enorme naco não mastigado. Seus olhos estão esbugalhados. Seu rosto começa a ficar vermelho. Se ela fosse uma cobra com um coelho nas mandíbulas, inclinaria a cabeça para trás, enquanto os poderosos músculos do seu pescoço assumiriam o trabalho de engolir. Porém, Cecilia não é uma cobra. Seu pequeno pescoço não pode se expandir. Mamma vem acudir e começa a bater nas costas de menina, o que não funciona; então enfia o dedo em sua boca e puxa a massa para fora, o que funciona.

Chiara usa a pá de lixo para arrancar os papéis do forno. Espalha-os pelo chão e desfaz o chumaço. Depois recomeça tudo, rasgando as folhas em pedaços menores e atirando as chamas. *Mamma* era incomparável quando intervinha fisicamente nas doenças delas: dedos lubrificadas no traveseiro para constipação intestinal; massagens vigorosas no peito, com azeite, para resfriados; tintura de iodo espalhada sobre cortes, azul de metileno para gargantas inflamadas. Caso dedadas, massagens, aplicação de unguentos, linimentos e cataplasmas não resolvessem, era porque elas estavam fingindo. Se a doença continuava ou piorava além de qualquer dúvida, ela as levava ao padre. Não acreditava em médicos.

Chiara faz progressos. O forno está funcionando no máximo da capacidade. Ela começa a sentir calor. O vapor se eleva das suas roupas. Entrando no ritmo de rasgar, picar, queimar e avivar o fogo, ela fecha a mente aos intermitentes barulhos externos, ao que pode estar acontecendo no lado de fora. É como o condutor de um trem, alimentando as chamas do forno e estrondeando pela ferrovia chacoalhante. Precisa chegar ao destino. É o seu trabalho.

Acaba com a pilha, varre os pedaços dispersos e os enfia no forno. Observa os últimos fragmentos serem consumidos. Então se lembra da outra pilha, no armário malcheiroso. O fedor a atinge de novo quando abre a porta. Recolhe a maior parte dos panfletos, que se desfazem em suas mãos. Quando os enfia no forno, uma fumaça pesada e nociva se espalha. Tapa o nariz e a boca com o lenço, enquanto parcelas de papel encharcado se colam em seus dedos e ao redor dos seus punhos. Usando o atizador improvisado, golpeia a massa úmida, até esfarelá-la. Aviva uma chama, depois outra. A coisa pega fogo.

Retorna ao armário para verificar se levou tudo. Quando se inclina para desgrudar um panfleto do chão, vê, por uma fração de segundo, duas pequenas luzes verdes, que imediatamente se apagam. Sempre tapando o nariz com o lenço, ela se abaixa; as luzes reaparecem. São os olhos de uma gata. Uma gata preta com patas brancas, deitada no fundo do armário. Quatro ou cinco diminutos gatinhos se espremem contra seu peito. Ao lado, rígido e sem vida, jaz um gatinho ainda menor, uma criaturinha minúscula. Chiara percebe que acaba de destruir o ninho da gata, seu refúgio, a casa que encontrou para si mesma e seus rebentos. Ela puxa o último panfleto, que estava sob os gatos, destruindo o leito deles. A debilitada gata emite um som e tenta se levantar, mas já não tem forças.

Chiara pega o corpo do gatinho morto e o joga no forno, junto com o último panfleto. Depois retorna e observa a gata, cuja vida se permite imaginar: fugindo de cães, escondendo-se, percorrendo as ruínas da cidade em busca de restos. O momento breve e delirante em que os filhotes foram concebidos. Ela pensa em deixar a bolsa de pano para que a usem como leito. A gata está visivelmente morrendo de fome.

Pessoas estão famintas.

É só uma gata.

Ela limpa o rosto e as mãos com a extremidade do lenço e vai até o bar. Não há clientes. Gennaro levantou as persianas e espalhou algumas mesas e cadeiras pela rua, sob a chuva. Chiara observa as pessoas no lado de fora. Nunca vira seres humanos serem arrebanhados.

— Café? — pergunta Gennaro.

Chiara quer ir embora, mas é dominada por uma náusea. Suas pernas começam a tremer. Ela se apoia no balcão do bar, virando as costas para as cenas que se desenrolam além da janela.

— Por favor — diz.

Ela põe açúcar na xícara, três colheradas, e se dá conta de que Gennaro está falando com ela, contando alguma história. Diz que não reparou que havia algo estranho quando chegou ao bar, às cinco da manhã. Viera de bicicleta, como de costume, da sua casa no outro lado do rio. Durante o caminho não vira nada de estranho, exceto que o nível do rio aumentara muito por causa das chuvas. Na ponte Garibaldi, a chuva se intensificara e ele fizera uma pausa para colocar o capuz e ajustar a luz da bicicleta. Pedalava lentamente, pois os freios não funcionavam muito bem.

Ao parar para comprar carvão, o cara que trabalhava lá, que Gennaro conhecia havia anos — um verdadeiro homem dos sete instrumentos, medido em um monte de negócios —, disse a ele que ouvira uma barulheira danada durante a noite, vinda do gueto. Uma balbúrdia, foi como ele descreveu. Tiros e explosões constantes. Urros e berros como os que Chiara ouvira quando chegou ao gueto. Por volta de quatro da manhã, a barulheira cessara.

O cara, Federico, dissera a Gennaro que não havia mais carvão e que não sabia quando os próximos carregamentos viriam. Então, Gennaro comprara um feixe de lenha. Ela estava um pouco úmida, pois fora amarrada na traseira da bicicleta. Por isso o depósito ficara tão cheio de fumaça quando acendeu o forno. Além disso, aquela madeira não fora posta para secar, mas não se podia escolher muito na atual conjuntura.

— Onde você consegue carvão? — É o que Chiara se vê perguntando, como se fosse mais importante que os barulhos noturnos ou o que está acontecendo na rua. — É naquele lugar perto da Viale Di Trastevere?

Por um momento, imagina que está interessada na resposta, que pretende trocar de fornecedor de carvão.

Um jovem entra no bar. Um soldado o acompanha, mas para no umbral da porta, sem entrar nem recuar. Gennaro cumprimenta o homem pelo nome. Alberto. O homem pousa no chão sua mala de fibra e pede um café expresso. A mala está amarrada com uma faixa de roupão azul. Seu cachecol preto está cuidadosamente amarrado na frente, com as extremidades jogadas para trás do colarinho levantado do seu puído sobretudo. Seus cabelos estão colados no crânio pela exposição à chuva. O rosto largo está pálido, as bochechas estão pendentes e a barba, por fazer. Ele mantém a boca carnuda ligeiramente entreaberta. Nenhuma conversa se estabelece enquanto Gennaro prepara o café. A xícara chacoalha no pires quando o homem tenta levantá-la. Ele é obrigado a usar ambas as mãos. Suas unhas estão sujas de fuligem ou poeira.

Os pensamentos de Chiara se transformam em um monte de rolimãs que se atropelam. Ela reflete sobre o que poderá levar para Cecilia e se pergunta se Gennaro não teria alguma coisa que possa trocar com ela. Biscoitos, talvez. Ou se, caso os ônibus estejam funcionando, ela não poderia ir até a Tor di Nona, onde os negociantes do mercado negro atuam, e ver se encontra queijo, uma lata de atum ou feijão.

Tenta se aferrar a esses pensamentos. São reconfortantes. Porém, as chamas lambendo o pelo ralo do gatinho não saem da sua cabeça, e ela se pergunta se ele estaria realmente morto. Sente-se terrivelmente presente no depósito, naquele momento. É como se a umidade que ainda persiste na concavidade das suas costas, apesar do calor das chamas, não fosse água de chuva, mas algo diferente, um resíduo do poço profundo da dor humana. Está mergulhada neste poço e sua lama a recobriu.

O homem engole ruidosamente, pousa a xícara sobre o balcão e desliza a mão sobre a superfície de madeira. Depois se inclina para a frente e, em voz baixa, faz uma pergunta a Gennaro.

— O que vão fazer conosco?

Gennaro abana a cabeça.

O homem olha ao redor. Observa demoradamente as mesas e cadeiras. Chiara sente seus olhos pousarem nela, mas não o encara. O soldado à porta o chama. Ele pega sua mala e sai.

Chiara o acompanha até a porta e o vê ser escoltado até a fila de pessoas que estão sendo conduzidas pela rua até os caminhões. A população do gueto — velhos, jovens, bebês de colo, pessoas de muletas, mulheres e crianças — se arrasta em direção aos caminhões em uma procissão quase silenciosa. Algumas das crianças menores estão chorando e gritando como bebês; mas os adultos e as crianças maiores, aquelas que já conseguem falar, não dizem uma palavra. Há alguns homens jovens, como o que entrou no bar, mas não muitos.

— Onde estão os homens? — pergunta ela.

Gennaro se posta ao lado dela.

— Hoje é dia da ração de tabaco — diz. — Eles foram pegar seus cigarros.

Ela olha para ele.

— O quê?

Ele está sério. Restos de fuligem realçam as rugas do seu rosto, como se tivesse nascido para parecer melancólico. *Vidas podem depender de tão pouca coisa como um maço de cigarros?*, conjetura Chiara.

— Sim — diz Gennaro, como se ela tivesse falado em voz alta. — É assim que são as coisas.

Algumas pessoas ainda vestem os pijamas sob os sobretudos. A maioria segura sacolas ou carrega embrulhos amarrados nas costas. Todos são cutucados com os canos das armas. No outro lado da fila, encostados a uma parede, dois oficiais conversam e fumam.

— O que vão fazer com eles?

— Provavelmente vão ser levados para um campo de trabalho forçado, no norte — responde Gennaro.

— Bebês e velhas senhoras em um campo de trabalho forçado? — diz Chiara.

Entretanto, Gennaro já está falando sobre outra coisa, algo a respeito da sua mãe ter lhe avisado para não abrir um bar no gueto, que aquilo fora uma casa de penhores, que ninguém viria ao bar agora e que ele ficaria arruinado. De repente, no meio de uma frase, ele se interrompe e permanece imóvel, uma expressão envergonhada no rosto. Depois recomeça a tagarelar, como se não tivesse visto nada estranho, mas logo para de falar novamente.

— Eles voltarão um dia — diz finalmente. — Quando a guerra acabar.

Eles observam a última pessoa da fila passar. É a Nonna Torta, coxeando e resmungando. Veste camisola e chinelos, o avental por cima. Não carrega nenhuma bagagem.

No outro lado da rua, os dois oficiais nazistas ainda estão encostados no muro de pedra, conversando. Seus respectivos pés esquerdos, enfiados em botas que vão até os joelhos, formam uma simetria inquietante, mas tranquilizadora.

Gennaro está chorando.

— Sabia que tem uma gata faminta com alguns filhotes no armário do depósito? — comenta Chiara.

— Uma gata? — diz ele. — Vou levar leite para ela. — Ele vai para trás do balcão, inclina-se e começa a remexer em alguma coisa. — Pode ser que goste de uns biscoitinhos que tenho aqui — acrescenta, e desaparece nos fundos do bar.

Chiara vai para a rua e se junta a um grupo de curiosos. Posta-se ao lado de uma mulher de cabelos grisalhos e desgrenhados cujas mãos estão sobre o rosto, como se resistisse ao impulso de tapar os olhos. Chiara também sabe que precisa observar o espetáculo. Precisa testemunhar. Então, após acompanhar tudo, talvez possa ir embora, retornar à sua vida. Poderá pegar sua irmã, alguns mantimentos e roupas e sair da cidade. Poderá se refugiar na casa da sua avó nas montanhas e aguardar a chegada dos Aliados.

Sua mente vagueia para os carneiros no prado atrás da casa da sua avó. Ao longo de toda a sua vida, aquele campo, a sensação daquele campo — o aroma de grama e orégano selvagem que cresce nas sebes; a pureza do ar, refrescante e cintilante, mais luminoso que o ar dos vales; a visão das demais

colinas, que ondulam em todas as direções — sempre representou um alívio para ela. A limpeza e a segurança dos montes: ela almeja reencontrá-las.

Os habitantes do gueto foram confinados em um buraco na rua, em frente ao Teatro de Marcelo. De algum lugar, na direção do rio, vem o ruído de gritos e o estrépito de tiros, mas as pessoas à espera em meio às colunas quebradas das ruínas guardam silêncio.

As lonas laterais dos caminhões foram levantadas. A multidão, agora sem lar, é forçar a subir nas carrocerias. A lacuna entre as testemunhas e os judeus recolhidos aumenta. É como se os observasse do outro lado de um rio caudaloso.

Uma jovem família atrai seu olhar. Seus membros estão na caçamba de um dos caminhões, conseguiram ficar juntos. Elegante em seu terno, gravata e sobretudo, o pai está compenetrado, sério. A umidade fez seus cabelos crespos tombarem sobre a testa alta. É o tipo de homem que fuma cachimbo, pensa Chiara, como seu próprio pai fazia. Enfia o cachimbo na boca e chupa a fumaça, enquanto analisa um problema; depois, o remove para fazer uma declaração. O tipo de homem que não é precipitado nos julgamentos. No momento, tenta encontrar um modo de agir como chefe de família, conservando alguma dignidade. Nos braços, segura uma menina de cabelos crespos e rosto gorducho cujos bracinhos roliços emergem de um largo agasalho abotoado. Seus olhos brilham como se tudo fosse uma aventura. Entre o marido e a esposa, outra criança, maior, um menino de sete anos, talvez oito, segura a manga do sobretudo da mãe.

É a mulher que atrai a atenção de Chiara. No colo, um menino de dois ou três anos e rosto triste, como que em uma paródia dos adultos que o cercam. A mulher está mais bem vestida que a maioria e dá a impressão de ter escolhido as roupas com cuidado, sem enfiar às pressas o que conseguira encontrar nos frenéticos minutos que precederam o momento no qual sua família foi forçada a sair de casa. Usa brincos marchetados de pérolas, um chapéu verde-escuro e sobretudo, também verde-escuro, bem cingido ao corpo. É uma roupa de viagem.

Talvez, enquanto o terrível tumulto se desenrolava às quatro da manhã, ela não tivesse se retirado medrosamente para o recanto mais recôndito do

seu apartamento, nem puxado o cobertor sobre a cabeça; mas se atrevera a olhar para fora e vira os soldados nazistas enlouquecidos. Quando interromperam a carnificina, ela acordou sua família e se vestiu, em vez de voltar para a cama. Arrumou as malas de todos, uma para cada um. Aquelas pessoas estavam fugindo, pensou Chiara, mas não com a rapidez necessária.

A mulher relanceia os olhos de um lado para outro, examinando a multidão. Embora a lacuna entre as testemunhas e os judeus já tenha se transformado em um rio caudaloso, aquela mulher ainda procura uma ponte, uma jangada, uma tábua flutuante.

Chiara está observando a mulher, cujo olhar inquieto pousa sobre ela. Sem desviar os olhos, ela desprende os dedos do filho do sobretudo e o empurra. Chiara olha para o menino, depois para a mulher de olhos ainda cravados nela, e mais uma vez para o garoto, que agarrou outra parte do sobretudo. Chiara vê a mãe reabrir a mão do filho e o afastar novamente. Seu olhar se alterna entre mãe e filho, mas a mulher nunca deixa de encarar Chiara. Ela segura o ombro do menino e diz alguma coisa. O menino permanece separado dela, os braços pendentes ao longo do corpo. É o único membro da família com cabelos lisos; está muito bem vestido, com bermuda cinzenta e meias esticadas. Um dos seus joelhos tem um arranhão.

De repente, Chiara começa a gritar e abre caminho até a frente da pequena multidão, livrando-se de alguém que tenta segurar seu braço.

— Meu sobrinho — grita ela. — Esse é o meu sobrinho.

Ela aponta para o garoto.

— O garoto é seu? — pergunta, num italiano com forte sotaque, o soldado que está dirigindo as operações no caminhão.

— Sim — diz ela. — É da minha irmã.

Na beirada do caminhão, o garoto titubeia. Seu rosto está tenso, mas desconcentrado. Como um aluno forçado a ficar de frente para a turma, sabendo que será humilhado.

— Entregue-o para mim. Venha com a tia, querido! — grita Chiara.

Encorajada pelo som da própria voz — esganiçado, maternal, ultrajado —, ela continua a gritar, estendendo os braços para receber o menino. Algumas pessoas se juntam a ela.

— Entregue o garoto — diz uma.

— É a tia dele — acrescenta outra.

Em algum ponto da aglomeração, ouve-se uma voz masculina.

— Esse garoto não é judeu.

Um soldado de escalão superior aparece e pede para ver os papéis de Chiara. Ela o reconhece como um dos que estavam encostados no muro em frente ao bar de Gennaro. Enquanto ele os folheia, o menino é entregue a ela. Está rígido e sério. Ela segura a mão dele e o puxa para seu lado. Depois o aperta contra o corpo. Pode sentir sua tensão.

Chiara não volta a olhar para a mãe. Não pode hesitar. Encara o oficial, magro e recém-barbeado. Observa seu quepe de copa alta, o cabo do revólver e seu colarinho, que traz os emblemas da caveira com as tíbias cruzadas. Repara na dragona dourada, cuja costura se desfez em um ponto e foi cerzida, de forma grosseira, com uma linha de cor diferente. O úmido espaço entre seus ombros começa a latejar, como se esperasse uma bala. Uma bala que com certeza trespassaria seu coração.

— Minha irmã é costureira — comenta ela, olhando para a cerzidura.

— Você nem veria os pontos se ela tivesse remendado isso.

Chiara sabe que ele não entende o que ela fala. São apenas palavras que emite para perfurar a bolha de silêncio que caiu sobre eles como um domo. Um grande vazio preenche sua cabeça, como se estivesse prestes a desmaiar.

— Solteira — diz o oficial, apontando para a palavra com a mão que estava sem luva.

— Ele é filho da minha irmã — responde ela.

Ele olha para ela e para o menino. O fato de as palavras “raça judia” estarem ausentes nos seus documentos seria o bastante? Chiara nunca fez a saudação nazista. Até na escola conseguiu evitá-la e se orgulhava desse pequeno ato de tácita resistência. Agora, no entanto, pergunta-se se a hora chegou, se fazer a saudação resolveria o problema.

Os motores dos caminhões são ligados e o garoto a seu lado dá um berro.

— Mamma! — grita ele.

Chiara o levanta e o aperta no peito. É só o que pode fazer para contê-lo.

Ele começa a chutá-la.

— Mamma! Mamma! — grita sem parar.

Ela sussurra no ouvido dele:

— Cala a boca, se não o soldado vai atirar. — O garoto amolece nos braços dela, transformando-se em um peso morto. — Pode devolver meus documentos, por favor? — diz ela, atrevidamente. — Preciso levar o menino para casa.

O motorista do segundo veículo grita alguma coisa. Está pronto para partir. O oficial da SS olha para o caminhão. Examina os ocupantes. Então se inclina e passa a mão nos cabelos do garoto.

— Obedeça a sua titia — diz ele, jogando os papéis de Chiara na bolsa que ela traz no ombro.

Com o canto do olho, ela vê a pequena mala do menino no caminhão, perto de onde ele estava. As roupas, as posses, talvez um brinquedo ou um livro. Alguma coisa que lhe pertencesse. Ela não poderia pegar nada daquilo. Nem um único item. Nem uma foto. Nem uma roupa.

Os caminhões se afastam.

Chiara permanece de pé, atordoada. Segura o pesado menino, que mantém o rosto enfiado em seu sobretudo.

— Vá embora — diz o oficial, lançando-lhe um olhar que ela não entende. Ele eleva a voz e se dirige à multidão. — Vão embora agora! — brada, batendo as mãos em um gesto teatral. O espetáculo terminou.

Chiara se afasta tão rapidamente quanto pode, carregando no colo o garoto inerte, cujos pés batem em seus joelhos a cada passo que ela dá. Pergunta-se se o terá asfixiado. Segue então na direção do rio e caminha sob os plátanos da Lungotevere. Ao atravessar a ponte Garibaldi, põe o garoto no chão. Ele deixou uma trilha de ranho no sobretudo dela.

— Quero minha *mamma* — diz.

Ela olha para ele. Pequeno, desafiador. Órfão. Seus joelhos se dobram, e ela se apoia no parapeito da ponte. Pela primeira vez naquela manhã, o sol aparece, conferindo às folhas um brilho áureo-alaranjado. Abaixo, um galho caído passa boiando no rio avolumado. Ela endireita o corpo.

— Vou levar você para casa, comigo — Chiara começa a dizer, mas se interrompe para segurar as roupas do garoto, que está começando a correr.

Ela o puxa para junto de si. Depois se abaixa por trás dele e segura seus braços, pedindo que não grite. Há uma etiqueta no colarinho do casaco dele. *Daniele Levi* — lê ela, nas letras de ponta-cabeça. A etiqueta vai ter que sumir. Ela abraça o menino com força e o imobiliza. A determinação dele para fugir é pelo menos tão grande quanto a dela para contê-lo. Porém, é uma questão de força física, e ele não tem qualquer chance.

Quando chegam à Via dei Cappellari, ele está em silêncio.

Duas malas cheias estão no vestibulo. Sentada à mesa de costura, na sala, Cecília não levanta os olhos imediatamente. Está fazendo bainha em um pedaço de pano cor de ameixa. As dobras do tecido vão quase até o chão, captando o brilho da luz aquosa que se infiltra pela janela. Ela corta a linha com uma tesoura e se apruma.

— Terminei — diz, e olha para eles por cima dos óculos redondos de leitura.

Fixa o olhar no menino exausto, cujas lágrimas lhe escorrem pelo rosto.

— É essa é a coisa especial que trouxe para mim? — pergunta. E, antes que Chiara possa responder, acrescenta: — Eles não tinham meninas?